

A COSTURA DA MEMÓRIA NA SALA DE AULA: A POTÊNCIA PEDAGÓGICA DA OBRA DE ROSANA PAULINO NA CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS AULAS DE ARTE

THE SEWING OF MEMORY IN THE CLASSROOM: THE PEDAGOGICAL POWER OF ROSANA PAULINO'S WORK IN THE CONSTRUCTION OF PATHS OF ETHNIC-RACIAL RELATIONSHIPS IN ART CLASSES

*Marcela Fernandes*¹ – UNESP

*Profº. Juarez de Paula Xavier*² – UNESP

Resumo

O presente artigo visa destacar o trabalho de Rosana Paulino, mais especificamente sua exposição *A Costura da Memória*, como uma ferramenta pedagógica nas aulas de arte para discutir e propor mudanças nas relações étnico-raciais. Mesmo com os mais de 20 anos da Lei 10.639/03 e seu estabelecimento na LDB, ainda percebemos um currículo de Arte eurocêntrico com inserções tímidas de artistas e narrativas negras. A artista Rosana Paulino perpassa sua própria história e memórias para elaborar obras de arte que desafiam o olhar. Esse trabalho pode proporcionar profundas reflexões e vivências artísticas que, em sala de aula, desafiam os padrões e narrativas estabelecidos pelo pensamento ainda colonializado. A *Artevivência* de Rosana Paulino, termo inspirado na *Escrevivência* de EVARISTO (2019), é disruptiva e desafiadora para a estrutura racista que se estabelece a partir das bases da escola, por isso sua potência deve ser reconhecida e se fazer presente nos currículos e materiais didáticos de nossas instituições educacionais.

Palavras-chave: Arte; relações étnico-raciais; antirracismo; educação.

Abstract

This article aims to highlight Rosana Paulino's work, more specifically her exhibition *A Costura da Memória*, as a pedagogical tool in art classes to discuss and propose changes in ethnic-racial relations. Even with more than 20 years of Law 10,639/03 and its establishment in the LDB, we still see a Eurocentric Art curriculum with timid insertions of black artists and narratives. Artist Rosana Paulino goes through her own history and memories to create works of art that challenge the eye. This work can provide profound reflections and artistic experiences that, in the classroom, challenge

¹ Graduada em Música - Educação Musical pela USC (2014), Pós-graduação em Ensino de Arte Visuais (UNIMES), Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Arte (UNINTER) e em Linguagens pela Faculdade Sesi - SP. Atualmente é Mestranda em Mídia e Tecnologia na FAAC-UNESP BAURU. <https://lattes.cnpq.br/7453248567877230>

² Graduado em Comunicação Social Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990), mestrado em Comunicação e cultura (Prolam/USP, 2000) e doutorado - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam/USP, 2004). Atualmente é professor da UNESP e Vice-Diretor da [Faac/Unesp/Bauru]. <http://lattes.cnpq.br/3036916968393237>

the standards and narratives established by still colonialized thinking. Rosana Paulino's *Artevivência*, a term inspired by EVARISTO's *Writing* (2019), is disruptive and challenging to the racist structure that is established from the foundations of the school, which is why its power must be recognized and made present in the curricula and teaching materials of our educational institutions.

Keywords: Art; ethnic-racial relations; anti-racism; education.

Introdução

O encontro com as obras de Rosana Paulino se deu a partir de visitas ao acervo da Pinacoteca de São Paulo. O contato com sua obra por algum tempo observando, fruindo, questionando e sendo questionados pela sua poderosa narrativa, gerou diversas reflexões. Essa experiência de fruição e proximidade com sua obra foi essencial para a percepção da centralidade de sua potente narrativa para propor profundas reflexões sobre nossas memórias e possibilidades de futuro em uma perspectiva decolonial dentro das aulas de Arte. As linhas que cruzam sua obra nos desafiam a perceber que muito do que discutimos sobre as relações étnico-raciais ainda estão por se alinhar, encontrar caminhos, pois vivemos num país que ainda nega parte de sua história e nega também um futuro a população negra.

Rosana Paulino reside em São Paulo onde está localizado seu ateliê. É Doutora em poéticas visuais pela USP/SP e especialista em gravura pela mesma universidade. Também é pesquisadora e professora e suas investigações refletem sobre o papel das mulheres negras na sociedade contemporânea. Sua produção visual discute percursos históricos e processos de escravização da população negra no Brasil, pensando também como essa história foi e é contada e como se desdobra na sociedade atual. Segundo BISPO (2010),

Das muitas mulheres da história das artes visuais, poucas ou, até bem pouco tempo nenhuma delas, eram negras. Nesse contexto, a produção de Paulino não só vai dar um salto na medida que, como negra ela se diz a si própria, isto é, não é objeto de inspiração (uma boa comparação é o quadro *A Negra* de Tarsila do Amaral), mas vai reinterpretar a história dos lugares sociais da mulher negra no Brasil. (BISPO, 2010).

Sua obra desafia nossa memória, os materiais que utiliza como suporte tiram nossa subjetividade do lugar comum. Na diversidade de suas propostas, vemos emergir um questionamento: a narrativa que recebemos do passado define esse presente do qual falamos? Nesse questionamento, vemos colocado diante de nós a construção do que entendemos como passado. A partir de quem conhecemos ou temos pistas de nossos antepassados? Quem deu esse testemunho? A partir de quais olhos esse registro foi feito e traduzido para nós? Na obra de Rosana Paulino é possível permitir-se questionar, realizar uma releitura por novas lentes do passado e assim construir um futuro para os nossos.

Durante muito tempo, obras como as de Debret e Rugendas foram as grandes representações do passado negro no Brasil. Imagens de pessoas sofridas, violentadas, desumanizadas e estigmatizadas. Ao nos depararmos com as propostas de Rosana Paulino, o passado é revisitado e nele não cabe tudo o que a população negra representa em sua profunda significância para a construção do que somos. Somos convidados a perceber que há muito mais por trás das linhas mal costuradas, tecidos, artefatos, azulejos, corpos que não cabem nas formas concebidas pela história colonial. Sua técnica nada ortodoxa, desafia o olhar. A artista combina procedimentos, alguns deles aprendidos ainda na infância com sua Mãe, como é o caso da costura, e mescla a transferência de fotografias sobre o tecido, a partir de métodos criados pela própria artista durante o bacharelado em gravura na Universidade de São Paulo. Vemos uma aproximação do saber popular, como a técnica aprendida com sua mãe e a familiaridade com o fazer artístico contemporâneo, aspecto que expressa seu domínio de diferentes técnicas e relevante diálogo com a história da Arte.

Em seu trabalho *A Costura da Memória*, a artista apresenta, instalações, desenhos, gravuras, bordados e esculturas que apresentam a situação atual da mulher negra, histórias de silenciamento, exploração e opressão racial e social. As dimensões pessoal e biográfica encontram-se com a experiência coletiva, não sendo possível separá-las da memória social. Uma linguagem visual impactante, potente, que nos faz pensar que seu percurso trata-se de uma *Escrivivência*, termo cunhado por Conceição Evaristo (2017), surgindo do cotidiano, de memórias e experiências de vida da artista e seu povo, compondo obras que revelam as condições das pessoas negras no Brasil, revisita o passado

para transformar o futuro. Uma “Artevivência” singular em nosso tempo, expondo violências sofridas por afrodescendentes, o silenciamento e invisibilidade a que foram submetidos, e a indigesta persistência dessa opressão que desafia a sociedade a partir da constante pressão do Movimento Negro e ativistas que mobilizam diversas áreas para combater e desestruturar o sistema de exclusão e aniquilamento da população negra no Brasil.

Segundo EVARISTO (2019), personagens negros na literatura hegemônica são apresentados de forma estereotipada, antagonistas diante dos valores e traços presentes nos demais personagens presentes nas narrativas. Medrosos, submissos, desprovidos de intelectualidade e sem voz própria. Mulheres negras, ainda mais ocultas na literatura brasileira, são apresentadas de forma interesseira, malvada, com uma sexualidade perigosa. Personagens negros foram desumanizados, enquanto outro grupo elevado ao status de heróis e mocinhas. Esse cenário não se restringe ao literário. Vemos na arte, em diferentes épocas, a mesma desumanização e manipulação de narrativas. Diante desse cenário devastador, surgem vozes de resistência, homens e mulheres negros que apresentam uma narrativa plural, diversificada e que reencontra o passado com uma perspectiva desafiadora e emancipadora.

A obra de Rosana Paulino é um exemplo singular dessa resistência, onde suas memórias e memória coletiva se encontram, em uma narrativa contundente, multifacetada e que nos leva a profundas reflexões sobre os papéis sociais no Brasil. A artista é essencial para pensarmos Arte na sala de aula. O encontro com suas obras possibilitam diálogos que saem de uma superfície confortável e causam estranhamentos capazes de balançar estruturas de pensamento moldadas pelo colonialismo. O conjunto de sua obra é essencial para experimentações e vivências nas mais diversas faixa-etárias na escola. Neste artigo, discutiremos essa relevância e iremos propor que a artista faça parte dos currículos e materiais didáticos, pautados nas linhas da Lei 10.639/03 e da vigente LDB.

A Escrivivência/Artevivência no trabalho de Rosana Paulino

Conceição Evaristo em sua obra *Becos da Memória* (2017), reflete que em uma escrevivência, “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando

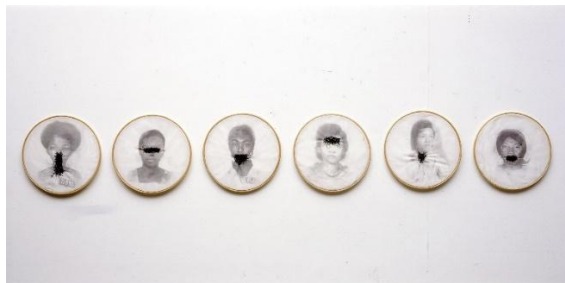
são contadas”. A autora se coloca num lugar de invenção e fato, criando uma narrativa singular, mas que aponta para a coletividade. A escrevivência utiliza-se da experiência do autor para viabilizar narrativas que falam de experiências coletivas das mulheres negras. Ao observar os processos, técnicas, materiais e narrativas propostas por Rosana Paulino, vemos traços dessa escrevivência, que aqui chamaremos de Artevivência, pois relaciona-se a experiência artística em expor suas experiências de vida que tornam-se coletivas, pois podemos nos identificar com suas histórias contadas através da Arte. Nas memórias do corpo que a artista transita por afinidades afetivas, lembrando e preservando a história preta por uma perspectiva decolonial e expressando a dor da opressão colonial transmitidas de maneiras multifacetadas, percebidas nos códigos cotidianos e na arte, expõe as marcas da estrutura excludente política, social, educacional, econômica e cultural. MBEMBE (2017) diz que “Não procuramos apagar os vestígios do passado. Tentamos cercar o arquivo, extraindo desses vestígios do passado as nossas múltiplas silhuetas. O arquivo produz um dispositivo de espelho, uma alucinação fundamental e geradora de realidades”. Rosana Paulino, a partir de seus arquivos do passado, em uma refinada narrativa contemporânea, perturba os contornos das estruturas racistas, como em sua obra-livro, onde imagem e palavra se fundem, se combinam para expressar ideias que poderiam em suas palavras resumir a colonização:

Nós, não invadimos, nós levamos o progresso,
Nós não matamos, nós salvamos almas,
Não hierarquizamos, classificamos, porque nós amamos a
ciência. (PAULINO, 2016)

Em sua obra “Bastidores”, vemos uma investigação do que é ser mulher e mulher negra. Imagens de mulheres presas em bastidores de bordado, com a boca, olhos e orelhas costurados de maneira grosseira. Nos lembram as máscaras de flandres e gargalhadeiras do sistema escravagista, e apontam a sua desconfortável permanência ainda hoje, com limitações e opressões impostos às mulheres. As tensões étnico-raciais não foram resolvidas, assim como as políticas, sociais, culturais, econômicas e educacionais, como uma

costura mal feita, e que nessa obra acaba nos fazendo refletir que não se trata apenas das mulheres, mas de todos os afro-brasileiros e afro-brasileiras.

Fig. 1— Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura – 30,0 cm diâmetro



Série Bastidores, sem Título, 1997. Exposição Costura da Memória, realizada na Pinacoteca de São Paulo de dezembro de 2018 a março de 2019. Imagem: Reprodução/Museu de Arte Moderna (MAM).

Nas fotografias que a artista trabalha, arquivam-se memórias, provocando curiosidade, saudade, mas também dores e traumas. Rosana Paulino vasculha seus álbuns de família e arquivos históricos, onde encontrou escombros do passado colonial, fragmentos humanos, pessoas desfiguradas, desumanizadas, anônimas em nossa história, uma história manchada de sangue de pessoas escravizadas. De acordo com Dionísio (2016),

São experiências que de tão resistentes não morrem, legando aos sobreviventes um luto impossível a ultrapassar: assim como ocorre com o trauma, a escravidão e a ditadura assombram a partir de um passado que ganhará outra imagem, no presente de nossas vidas internas, sob a forma da repetição. Violento, o trauma sempre exige alguma resposta aqui-agora.

A artista costura, alinhava, borda essas peças fotográficas, adiciona imagens a partir do bordado, que nos faz lembrar os pequenos patuás. Na obra Assentamento, vemos um desencaixe da imagem, uma costura inacabada, nos lembrando que as pessoas da imagem nunca mais foram as mesmas, e não mais encontraram as estruturas em que foram criados. Como restabelecer a si mesmo depois de ser sequestrada, jogada em um túmulo, com fome, doenças e violências? Como se refazer e reconstruir uma humanidade violada e

reprimida? Nessa escavação do passado, a artista aponta para nós, homens e mulheres negras de hoje que reanimamos e recordamos os esquecidos e em nós, um futuro mais justo pode ser construído.

Fig. 2 – Assentamento (2013)



“Assentamento” (2013), de Rosana Paulino. Crédito: rosanapaulino.com.br

Em Amas de Leite, a artista apresenta uma série que explora o que foi feito com o corpo de mulheres negras, analisando também o complexo relacionamento entre essas mulheres e o bebê que não lhe pertence. Um vínculo onde existe o contato íntimo, afetivo, ao mesmo tempo que denota submissão e servidão. A artista comenta sobre essa série, que buscou investigar e entender de que forma o corpo da mulher negra se torna importante para os colonizadores, um “objeto” útil e subserviente, e buscou entender também como esse fenômeno afeta as mulheres negras até hoje. A artista diz:

O projeto, iniciado alguns anos antes do início do mestrado através de desenhos e que posteriormente ganhou companhia de esculturas e instalações, procura investigar a importância das mulheres negras no período escravocrata bem como a herança que estas primeiras negras legaram não somente às negrodescendentes, mas também ao país. Ama de Leite despertou também minha atenção para as origens de uma ligação quase simbiótica entre o elemento negro feminino e a ocupação de um local social servil simbolizado pela passagem, no imaginário social, dos papéis de ama-de-leite à babá, da mucama à empregada doméstica ocupado, ainda hoje, pelas mulheres negras na sociedade brasileira. (PAULINO, 2011)

A relação de afeto dessas mulheres com os bebês era passageira, pois essas crianças cresciam e algumas vezes “herdavam-nas” como escravizadas novamente, como um objeto. Lembra-nos a situação de escravidão contemporânea vivida por Madalena Gordiano em Minas Gerais. (GORTÁZAR, 2021). A série foi um importante impulsionador de reflexões para outras obras que viriam depois com a mesma linha de questionamento. Como exemplo, a obra *As Amas*, executada em uma senzala. A artista escreve:

De fato, a emoção despertada pelo “clima” da senzala não pode ser traduzida nas – embora belas – imagens fotográficas. Sentir o “ar” do espaço trabalhando conjuntamente com os elementos plásticos é sem dúvida nenhuma o grande diferencial deste projeto. A isto foram acrescentados objetos possíveis de serem encontrados tanto na cultura popular quanto na religião Umbanda, da qual minha família é praticante, ampliando os possíveis sentidos presentes na obra. Fita de cetim, imagens digitais (que já haviam sido trabalhados nas obras *Amas de leite*), e rosas brancas – flores muito utilizadas na Umbanda, onde representam a falange do chamado “Preto Velho” - foram os materiais empregados. Transformar estes elementos da cultura popular em uma obra de arte pulsante, em um lugar fortemente emblemático, eis a dificuldade maior desta obra. (PAULINO, 2011)

Fig. 3 – *As Amas*. Instalação na Senzala da Fazenda Mato Dentro, Campinas, São Paulo. Fitas de cetim, cerâmica, papel machê, fotografia digital, vidros de relógio, parafina e pétalas de rosas brancas. Dimensão variável, 2009



Fonte: Rosana Paulino, *As Amas* (2009) Disponível em: <
https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Rosana-Paulino-As-amas-Instalacao-na-Senzala-da-Fazenda-Mato-Dentro_fig2_345333601>

A artista percorre os caminhos da memória, reanimando o passado dos esquecidos e antepassados negligenciados e desumanizados, anônimos da história. Nessas memórias, temos um lugar de afeto, familiar, uma proximidade com memórias coletivas, mas singulares. Um afeto pela família, antepassados, histórias que afetam a artista e são transformados em arte. Em Parede da Memória (1994), a ancestralidade se faz presente. A obra consiste em um mural com imagens de parentes da artista em patuás, lembrando uma árvore genealógica, uma busca por sua identidade. Sobre sua obra, a artista diz que “Parede da Memória tem a propriedade de ligar, não apenas simbólica, mas também fisicamente, os componentes da família e das origens das quais derivo”. (PAULINO, 2011).

Fig. 4 - Parede de Memória, 1994. Rosana Paulino. Serigrafia em almofadas, 8 x 8 x 3 cm.



Fonte: Rosana Paulino, Parede de Memória (1994) Disponível em <
<https://cean2d.blogspot.com/2012/08/parede-de-memoria-1994-rosana-paulino.html>>

A busca por uma herança cultural é uma questão central para os afrodescendentes, pois na diáspora, laços familiares foram fragmentados, ao ponto dessa ancestralidade se perder ao passar do tempo. Por isso essa retomada a partir das artes visuais é tão pertinente e necessária, significativa em seu valor estético e mais ainda em seu valor social, cultural e histórico.

A Costura da Memória como recurso pedagógico

Em 2016 Rosana Paulino lança seu livro de artista “Rosana Paulino: a costura da memória”. O livro/obra fez parte da exposição de retrospectiva da artista na Pinacoteca de São Paulo entre 2018 e 2019 que aqui iremos comentar

alguns fragmentos do conjunto de sua obra. A artista nos convida a uma viagem onde tece caminhos e constrói histórias. No século XIX, teorias raciais determinavam uma certa visão do território e povo brasileiro. Eram teorias excludentes e deterministas, marcando a história do país, com vestígios evidentes até hoje. A artista lança luz sobre essa grande desigualdade social, com uma produção que problematiza as profundas assimetrias e diferenças que constituem o tecido de nossa história que sofreu a influência de teorias que tinham como objetivo o embranquecimento da população brasileira. Essas teorias também buscaram legitimar a escravização e violências contra pessoas negras, desapropriando suas identidades e tornando-as objetos de estudos. BARBOSA e QUELUZ (2019) refletem sobre o tema:

Rosana Paulino mergulha na investigação desse modus operandi de fazer ciência no Brasil, retomando o passado com os olhos do presente, buscando elementos, evidências e processos que aconteceram desde a colonização do território nacional até o investimento em uma ciência determinista, que fortaleceu as disparidades raciais e étnicas.

Suas primeiras pranchas no livro nos fazem refletir sobre experiências vividas em outras épocas e que por muito tempo ficaram submersas. Fazem referências as travessias no Atlântico. "Entre 1858 e 1862, estima-se que 4,8 milhões de africanos tenham desembarcado no Brasil" (GOMES e SCHWARCZ, 2018, p. 21). Nas pranchas vemos imagens simbólicas da nossa história, que se mesclam ao preto da página inicial. Vemos um crânio humano que dialoga com elementos barrocos, e símbolos que nos lembram as teorias raciais excludentes. O crânio apresentado não nos permite saber a raça, cor e etnia da pessoa, mas é a base da página e sobre ela lemos algumas referências ao pensamento colonizador, quase como uma marca d'água.

Fig. 5 – ¿História Natural?, 2016



Fonte: Galeria da artista. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br>

A artista propõe uma reinterpretação ousada do passado, das imagens que a Europa forjou de si, colocando-se na centralidade do poder patriarcal. Vemos montagens de imagens do vocabulário eurocêntrico, que em sua operação de cortes, costuras e sobreposições, desafia o poder do tempo, a centralidade eurocêntrica, e desloca nosso olhar para o que vem a seguir, uma reescrita que coloca a mulher negra na centralidade dos tempos.

Em outras pranchas, a artista apresenta a fauna brasileira como objeto de investigação. Vemos animais monocromáticos, apresentando uma azulejaria portuguesa que sugere a apropriação e exploração do nosso território. Em contraponto, numa sobreposição em gravura, vemos um caranguejo em vermelho, mostrando outros espaços onde a vida também foi atingida pela exploração do colonizador.

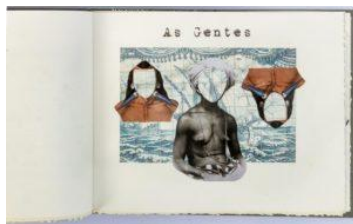
Fig. 6 – ¿História Natural?. 2016



Fonte: Galeria da artista. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br>

Em As Gentes, a artista nos apresenta uma composição com estampas em azulejaria portuguesa, representando uma embarcação e gravuras de pessoas sem os rostos e esse espaço é preenchido pela paisagem do atlântico. Somos desafiados a preencher esses rostos anônimos e refletir sobre as pessoas e etnias que foram apagadas e hoje nos restam apenas vestígios, e de algumas nem isso para conhecer.

Fig. 7 – ¿História Natural?, 2016.



Fonte: Galeria da artista. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br>

Em várias pranchas desse trabalho, a artista apresenta discussões sobre a ciência e como tentou-se validar violências raciais a partir de teorias científicas. Evidencia uma objetificação das pessoas, violência e subtração de direitos, nos dando dicas para duvidar da história hegemônica que nos foi contada. O racismo é confrontado na arte de Rosana Paulino, onde a artista fala da invisibilização e apagamento da população negra, mas também dá visibilidade a força do povo negro, centralizada na figura da mulher negra, que resistem aos tantos tipos de violação.

Fig. 8 – ¿História Natural?, 2016.



Fonte: Galeria da artista. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br>

Em *Atlântico Vermelho*, nosso olhar é desafiado a adentrar os caminhos que ligam África, Europa e América, tingidos pelo sangue de pessoas negras, onde muitos não conseguiam concluir a travessia tamanha era a violência perpetrada pelos colonizadores. Como reflete AKOTIRENE (2018):

[...] adotar o Atlântico como locus de opressões cruzadas, pois acredito que esse território de águas traduz, fundamentalmente, a história e a migração forçada de africanas e africanos. As águas,

além disto, cicatrizam feridas coloniais causadas pela Europa manifestas nas etnias traficadas como mercadorias, nas culturas afogadas, nos binarismos identitários, contrapostos humanos e não humanos. No mar Atlântico temos o saber duma memória salgada de escravismo, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano.

A artista nos apresenta um repertório de imagens que desafiam o repertório histórico hegemônico, questionando paradigmas científicos em torno da fundação e desenvolvimento do Brasil. Na técnica apresentada, vemos a costura, linhas estratégicas para a formulação da narrativa. Rosana Paulino reorganiza e resgata o passado a partir das costuras, fissuras e linhas que compõe o todo da imagem. Uma história costurada com linhas frágeis, mas persistentes. Em vermelho, as linhas centrais trazem uma potente carga afetiva. Em uma de minhas aulas onde apresentei essa obra, uma aluna pontuou a semelhança entre o final da linha vermelha e uma forca. A imagem foi mais impactante ainda para a aluna depois de sua reflexão.

Fig. 9 Atlântico Vermelho – Rosana Paulino



Fonte: Galeria da artista. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br>

A artista nos apresenta um longo aparato de imagens sobre ciência, arte e religião. Confronta a história contada, as teorias excludentes, as imagens estigmatizadas. Muito mais do que um resgate do passado, sua obra reinterpreta-o em um processo que expõe dores que persistem, mas que hoje apontam para uma possibilidade de futuro para os descendentes dos que,

anônimos, carregaram inúmeras violências para construir o presente colonial. Ao utilizar linha e agulha, quase como um processo de sutura, a artista tece uma sutura simbólica no tecido social brasileiro, revelando que não há cura sem diagnóstico.

Artevivência para desestabilizar estruturas racistas

Ao analisar o conjunto da obra de Rosana Paulino, vemos a centralidade de seu trabalho para a Educação das relações étnico-raciais na escola. Sua poética, apesar de complexa, é fundamentada em pesquisas e um amplo acervo de obras que possibilitam uma variedade de ações e reflexões sobre identidade, coletividade e história de nosso povo. A partir da obra de Rosana Paulino, é possível propor mudanças no olhar em relação a população negra, pois a artista aborda questões que fazem parte do cotidiano da sociedade brasileira e de seu passado, que ainda influencia o presente.

Desde 2003 temos uma legislação que combate o racismo no contexto escolar. A lei 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica e o parecer N.º: CNE/CP 003/2004, explica o que se entende por Educação da Relações Étnico-raciais, o que contribui para o desenvolvimento e construção de práticas pedagógicas antirracistas.

É necessário abandonar práticas que reforçam uma imagem estereotipada da população negra e sua história, e em Rosana Paulino vemos uma possibilidade muito ampla de contribuição para que esse diálogo seja significativo a partir da escola e ser capaz de extrapolar os seus limites. Uma obra com conteúdo questionador e crítico, provocando diálogos com o passado, revisitando o que foi ocultando e reanimando os anônimos. No discurso pedagógico temos um dos lugares de constituição das experiências de si. Expostos a um conjunto artístico tão profundo como o de Rosana Paulino, os alunos serão desafiados a pensar em suas concepções e imposições de realidades do lugar da população negra.

A artista nos apresenta a uma revisão epistemológica e visual da cultura e sociedade brasileira, com camadas de imagens, materiais e processos,

infelizmente com aparente anacronismo, mas carregadas de discussões que vão desde a exploração de nossa fauna a questões de gênero. Essa multiplicidade de possibilidades pedagógicas é enriquecedora para a sala de aula e potente para que os alunos possam ser capazes de criticar a realidade e suas injustiças.

Considerações finais

É notório que nas aulas de Arte os alunos tem a possibilidade de se desenvolverem de forma integral, pessoalmente, socialmente e culturalmente por meio de experiências significativas e aquisição de conhecimentos artísticos que se entrecruzam e geram conexões que vão além das aulas de Arte. É essencial que diferentes temas sejam abordados nas aulas, explorando diversas facetas de nossa cultura e introduzindo conhecimentos e vivências que lhes dê a oportunidade de respeitar, conhecer, apreciar e vivenciar formas de expressão da cultura africana e afro-brasileira que, segundo a lei 10.639/03, são obrigatórias no processo de ensino e aprendizagem. Nas aulas de Arte, o aluno pode aprofundar a sua relação com esses elementos de nossa cultura. Por isso, o trabalho de Rosana Paulino torna-se essencial para as discussões e propostas que possibilitem a aplicação da lei, potencializando as reflexões e fazer crítico dos alunos.

A artista revisita sua própria história e nesse percurso nos convida a encontrar nosso próprio caminho genealógico. Sua artevivência é inspiradora, provocativa, algumas vezes incômoda, por isso é tão essencial para a sala de aula. Sair do lugar comum, das narrativas hegemônicas e caminhar para possibilidades que podem transformar o futuro. Na contemporaneidade, somos bombardeados por imagens, nesse contexto é essencial que na escola, saibamos aprofundar nosso olhar para a imagem que vem carregada de história, contexto. No trabalho de Rosana Paulino é possível educar nosso olhar, aprofundar a busca por significado a partir da junção, sobreposição de imagens. A artista nos faz refletir inclusive sobre o material e técnica utilizado. O que poderiam dizer ao espectador, qual a história por trás desse processo criativo? A partir dessas provocações, é possível questionar o passado, transformar o presente e construir novas versões de futuro.

Referências

AKOTIRENE, Carla. O Que É Interseccionalidade? Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2018. (Feminismos Plurais).

ANTONACCI, Célia Maria. Apontamentos da arte africana e afro-brasileira contemporânea: políticas e poéticas. São Paulo – SP. Invisíveis produções, 2021.

BARBOSA, Rosa Amélia e QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. Humanidade tecida no livro da artista Rosana Paulino. 2019, disponível em

<<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/03.pdf>> acesso em 05 de Maio de 2024.

BISPO, Alexandre Araújo. Mulher, negra e artista: a estética crítica de Rosana Paulino, 2010. Disponível em < <http://www.omenelick2ato.com/artes-plasticas/mulher-negra-e-artista>> acesso em 05 de Maio de 2024.

DIONÍSIO, Gustavo Henrique. A carne é fraca? Violência e ironia, psicanálise e arte contemporânea. Psicologia Argumento, 2016.

EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Caso de Madalena, escrava desde os oito anos, expõe legado vivo da escravidão no Brasil. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-14/madalena-escrava-desde-os-oito-anos-expoe-caso-extremo-de-racismo-no-brasil-do-seculo-xxi.html>> acesso em 05 de Maio de 2024.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. 2. ed. Lisboa: Antígona, 2017.

PAULINO, Rosana. ¿**História natural?** do Brasil, disponível em < <http://www.rosanapaulino.com.br>> acesso em 05 de Maio de 2024.

PAULINO, Rosana. Imagens de sombras, Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PAULINO, Rosana. Pinacoteca de São Paulo, São Paulo-SP, 2018. Disponível em <<https://pinacoteca.org.br/wp->

[content/uploads/2022/06/Catalogo_rosanapaulino.pdf](#)> acesso em 04 de Maio de 2024.

SCHWARCZ, Lilia; GOMES, Flávio (Orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.